

RELATÓRIO FINAL

Quando pensei em editar um livro de fotografia <sup>Santana</sup> sobre a Colônia <sup>estava</sup> cons-  
ciente de todas as dificuldades que poderia encontrar, e entre elas  
havia três fundamentais: Eu era amadora e não era profissional em  
fotografia, o laboratório do curso não apresentava condições adequa-  
das de trabalho, e as gráficas do Estado não possuíam todos os re-  
cursos necessários para este tipo de trabalho. Sem contar é claro,  
como eu iria conseguir financiamento para o livro e autorização pa-  
adentrar no hospital. E para completar tudo isto, escolhi um tema  
profundo e complexo que exigia estrutura emocional e coragem. Mas  
era <sup>o</sup> que eu desejava para o meu projeto final. Me dedicar à  
fotografia e fotografar o que mais gosto: o ser humano. Confesso que  
algumas vezes fiquei com medo e pensei em desistir do projeto. Nesta  
época, comecei a ler o livro, Imagens do Inconsciente, de Nise da  
Silveira. E foi este livro que me aguçou ainda mais a curiosidade  
de conhecer <sup>uma</sup> instituição psiquiátrica. Como vivem, comem e dormem.  
Este livro me ajudou também, a compreender os pacientes da colônia.  
Para Nise da Silveira, os doentes mentais são pessoas especiais e  
delicadas.

Era mês de junho e havia duas coisas que me preocupavam  
inicialmente. Como conseguir autorização para fotografar o hospital  
e como conseguir o financiamento do livro. O primeiro passo foi con-

versar com uma amiga, a psiquiatra Iara Abreu, que prometeu me ajudar. Iara me apresentou para o diretor da Colônia Santana, Dr. Moisés Saraiva. Mostrei então para o diretor o meu plano de projeto. Expliquei que o meu interesse era mais no paciente do que na instituição psiquiátrica. E acho que foi por isto que ~~que~~ consegui o que queria. O Dr. Moisés ficou apaixonado pelo trabalho e ofereceu ajuda em tudo que fosse necessário. Foi a partir daí que senti coragem para seguir em frente. Parti então, para a fase mais difícil do projeto, conseguir o financiamento. Procurei alguém com experiência e fui conversar com o Cleber Teixeira, proprietário da editora Noa Noa, e ele me aconselhou editar o livro na IOESC (Imprensa oficial do Estado de Santa Catarina). Segundo ele, o trabalho menos ruim em Santa Catarina, em termos de gráfica, era o da IOESC. Além disso, ela só faz trabalhos para o governo através da Casa Civil e outros órgãos, e assim, eu poderia obter o financiamento direto. Segui o conselho e consegui uma audiência na Iadesc para falar com Ângela Amin. Levei uma carta de apresentação e o orçamento feito na IOESC (100 exemplares, 40 páginas, <sup>Seis</sup>/<sub>mil</sub> cruzados). Um mês depois recebi uma carta da Iadesc me pedindo desculpas, mas que não seria possível atender o meu pedido porque o governo não tinha recursos para bancar o projeto. Na mesma semana soube que o Dr. Moisés Saraiva havia sido destituído do cargo de diretor da colônia. Eu teria que começar do zero novamente.

Já era começo de agosto, fui então conversar com o Dr. Moisés para saber o que eu poderia fazer. Disse para eu não me

preocupar, pois ele já havia conversado com o novo diretor e que, provavelmente, ele não se oporia ao meu trabalho. Realmente, Dr. Paulo Collaço não se opôs, pelo contrário, colocou o hospital à minha disposição. Assim, iniciei logo o trabalho e deixei para resolver o financiamento mais tarde. Consegui emprestada uma máquina fotográfica Nikon, porque as do curso estavam em péssimas condições, além disso, eu não poderia usá-las livremente, a qualquer hora. Comecei o trabalho e a cada dia ~~eu~~ gostava mais do que estava fazendo. Gostava de ir para a colônia logo cedo, fotografava e conversava com os pacientes. Cada <sup>[semana]</sup> <sup>[uma]</sup> era descoberta diferente, uma nova história sobre a colônia. Com o passar do tempo eu entrava no hospital como em qualquer outro lugar. Sem medo e e sem receio. Aos poucos, também, fui amadurecendo o meu pensamento inicial. Não são loucos, não são normais. São seres humanos abandonados na miséria e na hipocrisia da sociedade. Estava fascinada pelo trabalho e parti para a luta do financiamento.

Consegui uma audiência com o sub-secretário para Assuntos de Divulgação da Casa Civil, Antônio Félix de Amorim Neto. Era mês de outubro, preparei então outra carta e um novo orçamento, porque o <sup>antigo</sup> já tinha perdido sua validade. O novo <sup>orçamento</sup> (com 40 páginas <sup>e</sup> 100 exemplares, subiu para <sup>seis</sup> mil e oitocentos cruzados. Depois de quinze dias de suspense veio a resposta da Casa Civil, e finalmente, consegui o financiamento. Porém, a IOBSC exigiu que o material fosse entregue na gráfica até o dia 30 de outubro, era o prazo máximo para entregar o livro todo editado e com as fotos prontas. Cheguei

na parte mais delicado do trabalho, editar o livro. Comecei então, a revelar e ampliar as melhores fotos e preparar o texto final. E foi dentro do curso de jornalismo que encontrei as maiores dificuldades. Algumas fotos, ou a maioria das fotos, eu poderia ter revelado há muito tempo e poupado trabalho de última hora, porém, fui impedida de ter acesso livre aos papéis fotográficos, papéis que foram pedidos exclusivamente para os projetos finais. Sem contar, que também não tive acesso livre ao laboratório (com ampliadores ruins e péssimas condições de trabalho), tive acesso <sup>em mãos</sup> somente na última semana, quando precisei usá-lo com urgência para entregar a edição do livro na gráfica. Consegui então terminar a edição, e entregar exatamente no dia 30 de outubro na IOESC. Também na IOESC encontrei algumas dificuldades. O arte finalista tentou modificar a edição do livro porque preferia fazer a seu gosto. Mas ainda deu tempo de recuperar na última hora. A promessa de que me entregariam o trabalho no dia 30 de novembro também foi cumprida com muito custo.